

## **Paisagens existenciais: cartografia *Simpatia Full Time***

Giorgia Barbosa da Conceição Saidel

Faculdade de Artes do Paraná – FAP / Grupo de Pesquisa Artes e Performance

Especialista em Literatura Dramática e Teatro – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR

Performer, atriz, diretora, figurinista, videoartista – Companhia Silenciosa.

**Resumo:** Como pensar a cartografia de uma criação performática que objetiva materializar-se em diferentes mídias? Vídeo, presença ao vivo, mostras de processo, corpos híbridos em carne ou papel - plotados, dançados, vestidos ou nus. Esse é um relato reflexivo de *Simpatia Full Time, work in progress* realizado durante três anos por três artistas. A construção do gênero e suas relações cambiantes com diferentes espaços; ícones femininos; políticas identitárias vigentes; o processo de construção midiática da identidade brasileira e feminina baseada em padrões fixos; o espaço urbano e suas potencialidades. A antropofagia oswaldiana como metodologia de criação, deflagrada como temática: a possibilidade de instauração de novas paisagens existenciais em constante reconfiguração através do ato criativo.

**Palavras-Chave:** Work in Progress, Mídias, Antropofagia, Subjetividade

Vivenciar o processo de fixação de padrões identitários por meio de práticas corporais em vigência dentro das lógicas massificantes. Esse foi o objetivo inicial que fez reverberar o desejo comum de três artistas<sup>1</sup>: empoderar-se de seus corpos, vivenciá-los com maior plenitude, encontrar no cotidiano as pistas necessárias para fazê-los dançar, e também rir (por que não?) da própria condição - da mulher que muitas vezes se observa desejando semelhanças com imagens midiáticas. Inverter a sisudez autoritária dos processos de padronização de identidades, especialmente as femininas, através da apropriação desses mecanismos e de possíveis releituras artísticas dos mesmos. *Simpatia Full Time*: estar/ser sempre sorrindo, sempre utilizando o corpo como um layout, mui simpático, como moeda de troca, como capital nem tão somente simbólico assim... Não haveria férias para a simpatia.

O trabalho começa em 2007, quando as artistas se uniram para escrever um projeto. Optou-se por não prever um formato pré-determinado, mas sim, elencar práticas que serviriam para comprovar (ou não) algumas de nossas hipóteses. Também já durante a escritura, convidamos outras colaboradoras das áreas de dança e antropologia<sup>2</sup> - uma de nossas estratégias para que os olhares fossem multiplicados, ampliados, redimensionados, reanalisados, transformados.

---

<sup>1</sup> Eu, Cândida Monte e Stéphanie Mattanó.

<sup>2</sup> A artista Sheila Ribeiro e as antropólogas Patrícia Smaniotto e Dayana Zdébsky. Dayana trabalhou conosco também como produtora de uma das etapas do projeto, e Sheila também atuou no videodança que fizemos pelo Rumos Itaú Cultural Dança - Cartela de Videodança/ 2009/2010.

A experiência de mapeamento, análise e re-significação através de improvisações, registros textuais e videográficos, com publicação destes na web, está no centro do trabalho de pesquisa proposto, pois acreditamos que nas lógicas identitárias vigentes, o processo de construção midiática da identidade feminina com a conquista da beleza e da simpatia a qualquer preço aparece como condição indispensável para se obter visibilidade pessoal, profissional e social (Trecho do projeto de *Simpatia Full Time*).

*Simpatia Full Time* aconteceu em diferentes etapas e formatos entre os anos de 2007 a 2010. Desde a escrita do projeto pensamos que a criação de um *blog* na internet dedicado ao trabalho poderia servir como um espaço onde todas as etapas do processo poderiam estar relacionadas. Como designer do projeto, responsável também pela elaboração do *blog*, observei que seria impossível atingir a ambição inicial em relação a esse meio, que era a de ter um espaço virtual de apresentação mais ou menos “acabado”. No entanto, pela própria multiplicidade dos meios empregados no processo performático (registros audiovisuais de ações realizadas, videodanças, relatos textuais, escritas performáticas, fotos digitais, manipulação digital de imagens, etc), tal ambição em relação a um possível caráter conclusivo do *blog* nunca fora realizada. Comecei, porém, a olhar para essa descontinuidade e incompletude como algo a ser artisticamente explorado, e que poderia agregar muitos sentidos ao *work in progress*.

A cartografia como metodologia pode ser usada para tornar inteligível o processo vivido pelo artista, como uma tomada de consistência, evidenciando o caráter performático em processo de obras que envolvem várias ações dispersas no tempo, e ou que utilizam várias mídias para a sua composição. *Blogs* e *sites* podem funcionar como um tecido virtual, um papel de várias dobras, sobre as quais se registre, também em processo, essa cartografia.

Até meados de 2008, com o projeto ainda sem nenhum fomento, cada uma das artistas vivenciou as questões *simpáticas* individualmente em suas trajetórias. Foi a estratégia encontrada para driblar a distância geográfica<sup>3</sup> e dar seqüência à realização do trabalho. No entanto, foi durante esse período que alguns *leitmotives*<sup>4</sup> (COHEN, 1998) começaram a emergir, transformando algumas de nossas idéias iniciais e apontando planos por onde transitar criativamente. Tudo o que se fazia no cotidiano passou a ser material para *Simpatia*: criações individuais, acontecimentos banais, encontros fortuitos,

---

<sup>3</sup> Naquele ano, Cândida estava em Nova York realizando classes no Movement Research, e Stéphy estava em turnê com outros projetos. Eu desenvolvia trabalhos em Curitiba com a Companhia Silenciosa e trabalhava como professora colaboradora na Faculdade de Artes do Paraná. Neste período aprendemos a utilizar no *Simpatia Full Time* ferramentas de comunicação na internet, e pudemos continuar trabalhando em conjunto.

<sup>4</sup> *Linhas de força* seria uma tradução para o termo, segundo o autor.

pesquisas de técnicas corporais, ler revistas, dar aula, ver vídeos na internet, encontrar um *site* que imediatamente passava a ter “tudo a ver com o Simpatia”. O *Full Time* no nome do projeto teve um sentido maior do que esperávamos, a vida ganhou consistências simpáticas em tempo integral. Em todos esses materiais, em todas as composições identitárias presentes neles, víamos possibilidades de realizar reinvenções - a performance de gênero (BUTLER, 2003) encarada como possibilidade de transitar por brechas e fissuras, vivenciando o devir e a volatilidade desses gêneros<sup>5</sup>.

Simpatia-disfarce. Os terceiros lugares nos concursos de misses são agraciadas com o título de *Miss Simpatia*. Não são as mais belas, nem as melhores. Porém, merecem o carimbo devido ao seu esforço pessoal, ao seu empenho em algum dia chegar lá. Esse *leitmotiv* percorreu o trabalho durante todo o tempo, ganhando diferentes materialidades e sentidos ao longo do processo. Será preciso evocá-lo mais de uma vez durante essa cartografia.

Primeira tarefa das *Misses Simpatia*: precisaríamos provar que éramos capazes de realizar o projeto com o fomento de um edital municipal. Havia três vagas para toda a cidade e fomos classificadas - em terceiro lugar<sup>6</sup>. Após um ano do pontapé inicial precisamos argumentar em instâncias jurídicas sobre nosso desejo e objetivos. Esse acontecimento de âmbito político, no qual precisamos passar por um processo de visibilização e legitimação, gerou perguntas importantíssimas ao processo: se nós não somos bailarinas, e de fato nossa formação não é essa, que dança nós estamos fazendo ou queremos fazer? Como iríamos dar materialidade aos conceitos e práticas que estávamos vendo tomar consistência em nossa arte, e sobretudo em nossas vidas? Que corpos podem dançar? Quais são as virtudes necessárias? Essas perguntas se afunilaram em uma bastante forte: como o meu corpo dança e quais características ele tem? Primeira tarefa cumprida.

Entre as relações entre essas perguntas e as hipóteses iniciais do projeto parecia haver um abismo. Como entender a dança em meu corpo, como fazê-lo dançar, perseguindo o objetivo de vivenciar processos de fixação identidades femininas

---

<sup>5</sup> Segundo a pesquisadora estadunidense Judith Butler, o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O resultado desse processo é a criação de um *efeito* de substância que legitima a manutenção das estruturas vigentes de poder. Um dos nossos objetivos iniciais era trabalhar as identidades como o próprio *efeito* de substância do gênero através da imagem, ironizando a pretensa originalidade de qualquer modelo, através do experimento de corpos que se movem e ocupam o espaço.

<sup>6</sup> Denominado Edital de Pesquisa de Linguagem em Dança do Fundo Municipal de Cultura, sua finalidade era financiar pesquisas de artistas da dança que estivessem desenvolvendo um trabalho de pesquisa em Curitiba. O resultado do edital público foi questionado por outros artistas da cidade, que alegavam que eu, Cândida e Stéphanie não poderíamos pesquisar dança, porque nossa formação era em Artes Cênicas, e não possuíamos registro na DRT de bailarinas ou coreógrafas. No entanto, sendo todas formadas em direção, sempre desenvolvemos trabalhos nos quais a imagem e o movimento eram agenciadores de sentidos. Conseguimos provar a competência juridicamente, e pudemos executar nossa pesquisa durante o primeiro semestre de 2009.

padronizadas pela mídia? Neste ponto do processo, deparei-me com os conceitos de corpo vibrátil e de vulnerabilidade<sup>7</sup> (ROLNIK, 2006) e levei-os ao coletivo.

A liberação da capacidade vibrátil poderia ser conseguida através do estímulo de uma potência específica do sensível, apontada por Suley Rolnik, através da desterritorialização de padrões fixados. Foi uma virada dentro das hipóteses iniciais do projeto, já que pudemos deflagrar que o processo de tentativa de fixação de identidades já estava inscrito em nossos corpos, e portanto seria redundante tentar ilustrá-lo. Como estávamos mais movidas pelo desejo de entender tais mecanismos do que parodiá-los, propusemos um encaminhamento de pesquisa que poderia gerar estranhamentos em relação aos nosso próprios processos, zonas de conforto e padrões. Queríamos realizar uma mirada a identidades em outros contextos diferentes aos nossos. Uma residência artística e tudo o que ela envolve - experiência de imersão em uma outra cidade, e troca de experiências, poderia ter a capacidade de gerar deslocamentos, tão necessários à ativação dessa potência. Esta residência foi realizada na cidade de Belém no estado do Pará<sup>8</sup>, e sua escolha foi motivada pela existência da cena Technobrega. Nossos corpos imersos no contexto belenense, a tentar entender os movimentos dessa dança, e também os códigos das ruas, da comida, da noite. Isso teve um grau de relevância diferente para cada uma de nós, mas no meu caso, a condição de estrangeira ficou evidente na minha experiência e me ajudou a estranhar meus próprios hábitos, padrões e necessidades. Essas intensidades me levaram à criação do solo TECHNOMARAVILHA (Foto 01), como uma materialização final do *work in progress*, uma espécie de sinopse da história do *Simpatia Full Time* em forma de performance.

---

<sup>7</sup> O corpo vibrátil, apontado pela psicanalista, ensaísta e curadora Suely Rolnik, é um corpo que constantemente se recria, afetado pelas forças que o atravessam. A sustentação do estado de vibratibilidade, segundo a autora, exige uma potência específica do sensível, cujo exercício encontra-se recalcado nas políticas identitárias vigentes. Portanto, a busca e a sustentação do estado de vibratibilidade passaram a ser uma chave dentro da pesquisa para a transcrição de performances de gênero conhecidas em novas e transitórias performances - que não teriam mais como objetivo resolver a questão num suposto ponto final, mas manter a própria capacidade de reinvenção como uma constante.

<sup>8</sup> Fomos recebidas por artistas da Rede Aparelho, e em especial por Arthur Leandro. Nossa residência na maior parte do tempo foi no Corredor Polonês, um famoso antigo prostíbulo do centro da cidade, que abrigava principalmente prostitutas vindas da Europa. A proprietária era polonesa, e daí o nome do estabelecimento. Hoje o Corredor é ateliê de diversos artistas. Também tivemos a colaboração de Wlad Lima, artista e agitadora cultural bastante importante do norte do país. Mais informações sobre a Residência artística em [www.simpatiafulltime.blogspot.com](http://www.simpatiafulltime.blogspot.com), no menu Campo em Belém.



Foto 1 – TECHNOMARAVILHA. Fotografia de Leco de Souza.

Outros momentos do trabalho foram a realização do videodança<sup>9</sup> (Foto 02), e do que nomeamos como Ocupação - Performance - Espetáculo<sup>10</sup>, que aconteceu na Casa Hoffmann, em Curitiba. Entre o segundo semestre de 2009 e o primeiro de 2010, período em que essas materializações aconteceram, deflagraram-se relações entre as artistas e a equipe - micropolíticas que eram a mínima fração do ambiente macropolítico que estávamos pesquisando. A busca por visibilidade, poder, a tentativa de vestir identidades *prêt-à-porter* e de agarrar-se a elas, de obter reconhecimento e chegar ao topo, foram constantes que pudemos observar por vezes mais ou menos dolorosamente entre nós mesmas.

---

<sup>9</sup> O título do vídeo é homônimo ao projeto com o um todo - *Simpatia Full Time*. Atualmente circula por diversos festivais de dança e videodança, nacionais e internacionais.

<sup>10</sup> Realizado através do Prêmio Funarte Klauss Vianna de Dança - 2008, e era uma bricolagem de várias ações: contou com vídeos, performances, instalações e a apresentações ao vivo



Foto 2 – frame do videodança realizado através do Prêmio Rumos Itaú Cultural Dança, cartela videodança 2009/2010.

Processo cartográfico: vejo esta escrita como transitória e em construção. Ao deflagrar que podemos encontrar nas mínimas ações cotidianas o que antes víamos à distância como modelo teórico, percebo que *Simpatia Full Time* completou seu ciclo. A *Miss Simpatia* envelhece inevitavelmente, e querer continuar vestindo sua faixa, cetro e coroinha característicos seria negar o próprio sentido do *work in progress*. A entropia aqui é passagem, abertura ao devir.

*Simpatia Full Time* acabou.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão de Identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COHEN, Renato. *Working in progress na cena contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

\_\_\_\_\_. *Pós-teatro: performance, tecnologia e novas arenas de representação*. In: *Anais do III Congresso Brasileiro de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas*. Florianópolis: ABRACE, 2003.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Felix. **Como criar para si um corpo sem órgãos**. In: \_\_\_\_\_ . Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 3. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Ed. 34, 1996.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2006.

[www.simpatiafulltime.blogspot.com](http://www.simpatiafulltime.blogspot.com)